

# ★ A DRAMATURGIA NA PÁGINA IMPRESSA E PÚBLICA

## APONTAMENTOS SOBRE PUBLICAÇÕES DO TEATRO BRASILEIRO

Leidson Malan Ferraz

Pesquisador pernambucano e crítico de teatro, jornalista formado pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e atualmente Doutorando em Artes Cênicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

### Palavras-chave

*Dramaturgia  
brasileira.  
Teatro em livro.  
Peças publicadas.*

### Keywords

*Brazilian playwriting.  
Book of theater.  
Published playwriting*

**Resumo:** Numa cartografia do campo-território contemporâneo da dramaturgia brasileira autoral, este artigo traça um panorama das publicações lançadas nas últimas décadas, ressaltando também as estratégias para isso, do chamado de editoras especializadas na área a concursos; de editais a coletâneas realizadas por instituições públicas e privadas ou mesmo investidas dos próprios autores, principais instrumentos para a concretização do produto dramaturgia em livro.

**Abstract:** In a cartography of the contemporary field-territory of the Brazilian playwriting, this article traces an overview of the published texts in the last decades, also emphasizing the strategies for this, from the call of publishers specialized in the area to the competitions; from public notices to collections made by public and private institutions or even made by the authors themselves, the main instruments for the realization of the playwriting produced in book.

Lacunas estarão aqui presentes diante da quase impossibilidade de se tentar dar conta dos tantos escritores teatrais deste país tão grande. Consciente desta premissa e partindo das reflexões de Jean-Pierre Ryngaert no livro *Introdução à análise do teatro* (1995), no qual ele discorre sobre a especificidade do teatro enquanto texto dramático, a ideia deste artigo é cartografar<sup>1</sup> o campo da dramaturgia contemporânea brasileira que ganha impressão em livro e pode ser compartilhada. E a noção de dramaturgia aqui proposta, mesmo reconhecendo sua variedade de sentidos e funções, a exemplo da

dramaturgia do ator, do corpo ou a do espectador, é aquela da concepção habitual de uma tessitura escrita enquanto texto dramático que pode ou não ser vinculado a um produto final, o espetáculo.

Assim, não importa a qualidade gráfica das publicações, tiragem ou mesmo as estratégias de sua divulgação, muito menos os estilos ou escolhas estéticas e políticas entre forma e conteúdo, mas o imprescindível fato de sua existência apenas, afinal, a dramaturgia é pensada não só para ganhar a cena – algo que nem sempre acontece –, mas também pela chance de, em páginas impressas, na profusão de letras, imagens e num convite sincero à imagi-

nação, chegar aos mais diversos leitores, para além daqueles espectadores que, talvez, já a conheceram no palco. Mas o que vem a seguir são apontamentos de uma cartografia-território assumidamente inconclusa e aberta a novas informações.

### **Histórias nas mãos: o livro/teatro concretizado**

Há muito tempo, no Brasil, temos possibilidades de ler peças teatrais, ainda que uma infinidade de entraves se dê para isso, econômicos principalmente. Não é barato publicar um livro de teatro, e não encontramos tantas editoras abertas a este objetivo, mas elas existem. A paulistana Giotri, por exemplo, criada em 2005, desde 2008 passou a investir na área e hoje conta com mais de cinquenta autores no selo “Dramaturgia Brasileira”, muitos ainda de pouca visibilidade nacional e com parte dos textos inéditos nos palcos. Alguns dos títulos são *Não conte a ninguém & coração darkroom*, de Ricardo Corrêa; *Medeia, Maria e Marilyn*, de Sérgio Roveri; e as coletâneas *Cinco peças de Dionísio Neto* e *Teatro de Nilo Fontana*. Mas também constam artistas de maior projeção, como Maitê Proença, com *À beira do abismo me cresceram asas*, já levada à cena; Hugo Possolo, com *A cabeça de Yorick*; e o ator e roteirista Felipe Cabral, que recentemente publicou um sucesso do teatro carioca gay, a comédia-dramática *40 anos esta noite*.

Outra editora paulistana, a Terceiro Nome, fundada em 1998 e atualmente divulgando sete publicações com registros dramatúrgicos, investe em escritores já conhecidos, de criações encenadas com boa receptividade de público, como o pernambucano radicado em São Paulo, Newton Moreno, autor de *As centenárias & Maria do Caritó*, peças protagonizadas, respectivamente, pela dupla Marieta Severo/Andréa Beltrão (Prêmio Shell Rio e Prêmio Contigo!, de Melhor Texto Teatral de 2008) e pela atriz Lília Cabral (prestes a interpretá-la no cinema em 2019). Há ainda Dib Carneiro Neto, com *Salmo 91* e *Adivinhe quem vem para rezar*

(esta contou com Paulo Autran e Cláudio Fontana no elenco); Marta Góes, autora de *Um porto para Elizabeth Bishop* (com a elogiada atriz Regina Braga); e Samir Yasbek, responsável por *As folhas do cedro*, que lhe rendeu o Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte), na categoria Melhor Autor de 2010.

A Editora Patuá, também de São Paulo, na “Coleção Palavras Para Teatro”, possui sete títulos já editados desde 2011, a exemplo de *Luz fria*, de Marcos Gomes, enquanto a Cobogó, do Rio de Janeiro, voltada à arte contemporânea desde sua estreia em 2008 e somente apostando em obras já aclamadas por público e crítica, mais de trinta opções são de dramaturgia. *Caranguejo overdrive*, de Pedro Kosovski; *Nômades*, de Márcio Abreu e Patrick Pessoa; *BRTrans*, de Silvero Pereira; *A última peça*, de Inez Viana; *Ninguém falou que seria fácil*, de Felipe Rocha; e *Conselho de classe*, do profícuo autor carioca Jô Bilac, integram este repertório autoral. Também existe a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, com a viabilização da “Coleção Aplauso Teatro Brasil”, que reúne exemplares como *O teatro de Marici Salomão* e *O teatro de Noemi Marinho*, entre outros títulos, livres, inclusive, para download <<https://livraria.imprensaoficial.com.br/catalog-search/advanced/result/?name=aplausoteatro+brasil>>.

Como a única editora belo-horizontina voltada exclusivamente para as artes cênicas, a Javali, desde 2015, publica teoria, traduções e livros de memórias do teatro, além de dramaturgias. O recém-divulgado *Projeto ficção*, da Cia. Hiato; *Nós*, do Grupo Galpão; *Humor*, de Assis Benevenuto e Marcos Coletta; *Trilogia abnegação*, de Alexandre Dal Farra; *Teatro negro*, com textos contemporâneos de grupos, companhias ou artistas negros de Belo Horizonte; a “Coleção Eid Ribeiro” (em três volumes) e *Dramaturgia de Belo Horizonte: 1ª Antologia* (cuja apresentação faz um ótimo panorama histórico da dramaturgia mineira) são alguns dos títulos no mercado. Já a Editora Globo (SP), em 2008, compilou a obra *Hilda Hilst – Teatro*

*completo*, com oito peças escritas por ela no auge da comoção provocada pela violência da Ditadura Civil-Militar brasileira, algumas inéditas em livro; enquanto que a Perspectiva (SP) editou *Luís Alberto de Abreu*: um teatro de pesquisa, organizado com 14 peças por Adélia Nicolete, além de conter textos teóricos, fichas técnicas e fortuna crítica.

Por sua vez, a Fundação Nacional de Artes (Funarte), já responsável por peças publicadas há mais de quatro décadas, muitas fruto do seu intermitente concurso nacional de dramaturgia,<sup>2</sup> lançou em maio de 2019 *Teatro infantil – Benjamim Santos*, coletânea com 11 das obras escritas para a criança por este dramaturgo piauiense. No mês de junho de 2019, ainda pela Edições Funarte, saiu o livro *Dramaturgia negra*, organizado por Eugênio Lima e Júlio Ludemir com 16 textos de autores negros, entre eles, *Esperando Zumbi*, de Cristiane Sobral (RJ); *Vaga carne*, de Grace Passô (MG); *Farinha com açúcar ou sobre a sustança de meninos e homens*, de Jê Oliveira (SP); *O pequeno príncipe preto*, de Rodrigo França (MA), e *Cavalo de santo*, de Viviane Juguero (RS). Quase todas as peças já passaram pelo teste dos palcos e foram dirigidas e atuadas por artistas negros em sua maioria. Há apenas uma exceção, *Récita Nº 3 – Figurações*, da poetisa e dramaturga carioca Leda Maria Martins, ainda inédita.

### O isolamento é inimigo do dramático

Ainda que não sejam tão constantes quanto deveriam, pode-se afirmar que em quase todo o Brasil há iniciativas que visam a prática da escrita e a reflexão sobre a dramaturgia. Entre as instituições de maior alcance e com ações mais permanentes, além da já citada Funarte, está o SESI, que desde 2007 mantém o seu Núcleo de Dramaturgia no intuito de descobrir e aprimorar novos autores para o teatro, com ramificação por três capitais, São Paulo (em parceria com o British Council), Curitiba (a partir de 2009) e Rio de Janeiro (Firjan SESI, desde 2014)<sup>3</sup>. Já o Espaço Cultural Escola SESC promove o “Concurso Jovens Dramaturgos”, na capital ca-

rioca, com premiação nacional que completa nove edições em 2019 e é voltada a jovens escritores dos 15 aos 29 anos, sempre possibilitando residência artística, leitura pública das obras e a publicação de coletânea com os cinco textos vencedores a cada ano; além da instituição SESC manter os projetos de âmbito nacional “Dramaturgia: Leituras em Cena” e “Dramaturgias”.

Vinculada à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, a SP Escola de Teatro – Centro de Formação das Artes do Palco, desde que foi inaugurada no ano de 2010, vem oferecendo Dramaturgia como um dos oito cursos regulares gratuitos da instituição (núcleo coordenado pela dramaturga e jornalista Marici Salomão e com dois anos de duração para cada turma); enquanto que o Centro Cultural São Paulo (CCSP) completou cinco edições da “Mostra de Dramaturgia em Pequenos Formatos Cênicos”, com temporada das peças selecionadas e mais de 200 autores inscritos anualmente. De junho a setembro de 2019, participaram as obras *Stabat mater*, de Janaína Leite; *De esperança, Suor e farinha*, de Paula Giannini, e *A neve ou fora de controle*, de René Piazzentin, todas com a montagem viabilizada e o texto em brochura publicado e distribuído à plateia.

Dos 15 espetáculos nascidos pelo projeto, alguns figuraram nas listas de melhores trabalhos do ano na cena teatral paulista, como *Mantenha fora do alcance do bebê*, de Sílvia Gomez, e *Os arqueólogos*, de Vinícius Calderoni. Desde 2013 a curadoria de teatro do CCSP iniciou a publicação de dramaturgias nacionais inéditas de espetáculos que realizam temporada por lá. Além das tiragens impressas, há textos disponibilizados para download gratuito <<http://centrocultural.sp.gov.br/site/teatro-dramaturgia-contemporanea/>>. Entre as obras que podem ser acessadas: *Memórias impressas*, de Cláudia Schapira; *Hotel Jasmim*, de Cláudia Barral; *ANTIdeus*, de Carlos Canhameiro, e *Necropolítica*, de Marcos Barbosa.

A Cooperativa Paulista de Teatro também agiu no segmento ao promover o “I Encontro

Dramaturgia Amazônica Contemporânea em São Paulo”, que aconteceu no período de 16 a 18 de abril de 2019, no Teatro Studio Heleny Guariba, e contou com incentivo financeiro do “Prêmio Zé Renato de Teatro Para a Cidade de São Paulo”. A proposta foi uma conversa com dramaturgos nascidos nos estados nortistas e que optaram por residir e trabalhar na capital paulistana: Ângela Ribeiro, Dênio Maués, Francisco Carlos (com participação em vídeo), Paloma Franca Amorim, Paulo Faria e Rudinei Borges dos Santos. O evento, atrelado à temporada do espetáculo *Transamazônica*, com dramaturgia e direção deste último autor, teve ainda a “Oficina de Memórias Amazônicas e Dramaturgia”, ministrada pelo mesmo.

Em atenção à produção dramática, não faltam também ações esparsas de alguns departamentos culturais de estados e municípios ou mesmo universidades, quase sempre de caráter tímido e de mínima continuidade. Para se ter uma ideia, no meio acadêmico brasileiro, apenas a Universidade Federal do Rio Grande do Sul vem oferecendo graduação específica na área, desde o início de 2019, com o bacharelado em Escrita Dramatúrgica. No entanto, há iniciativas importantes nos debates universitários, como a do Núcleo de Estudos em Encenação e Escrita Dramática, vinculado ao Departamento de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Catarina, responsável pelo “Seminário Brasileiro de Escrita Dramática: Reflexão e Prática” que teve quatro primeiras edições (2015, 2016, 2018 e 2019).

Já na Universidade Federal do Pará, mais especificamente na Escola de Teatro e Dança e no Programa de Pós-Graduação em Artes, funciona o projeto de pesquisa “Memória da Dramaturgia Amazônica: Construção de Acervo Dramatúrgico”, que teve início em 2009 e já possui mais de cem peças catalogadas. É daí que nasceu o “Seminário Internacional de Dramaturgia Amazônica”, coordenado pela professora Dra. Bene Martins e que chegou à sua nona edição em maio de 2019, no Teatro Universitário Cláudio Barradas, reunindo dramaturgos, professores, artistas, estudantes e pú-

blico em geral. Entre os resultados da iniciativa está o livro em e-book e impresso, *Seminários de dramaturgia amazônica: memória*, lançado pela Editora Universitária AEDI, da Universidade Federal do Pará (UFPA), em 2017 (disponível em <<http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/141>>).

Em Minas Gerais, é o Galpão Cine Horto, coordenado pelo aclamado Grupo Galpão, quem incrementa a área com a realização de atividades de formação dramatúrgica. O resultado, pela Edições Centro de Pesquisa e Memória do Teatro (CPMT), vem sendo compartilhado por duas séries na publicação *Caderno de dramaturgia do galpão cine horto – oficina*, desde 2009, destacando autores como Eduardo Moreira, Glicério Rosário e Júlio Maciel, além de também ficar disponível para download gratuito em <<http://galpaocinehorto.com.br/edicoes/>>. Também na capital mineira, vem dando certo, desde 2012, o projeto “Janela da Dramaturgia”, que acontece no Teatro Espanca! e nasceu com a proposta de criar um espaço para o conhecimento de novos autores e textos. Tanto que culminou nos livros 1, 2 e 3 do *Janela de dramaturgia*, com organização de Sara Pinheiro e Vinicius Souza, pela Editora Perspectiva (SP).

Por sua vez, com cinco programações já realizadas desde 2012 e passando por cidades como São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador, tendo nesta última seu principal polo, o “Festival Dramaturgias da Melanina Acentuada”, coordenado pelo dramaturgo e ator baiano Aldri Anuniação e recebendo incentivo do Edital Setorial de Teatro do Fundo de Cultura do Estado da Bahia, congrega na sua grade não só leituras cênicas de peças escritas, mas também espetáculos, encontros com dramaturgos, palestras-debates, exibição de filmes, exposição fotográfica, shows musicais e ateliês criativos. A proposta é investigar a estética, a identidade, os temas e as produções do teatro negro contemporâneo. Para tanto, mais de 100 autores negros de teatro já foram catalogados no Brasil e podem ser conhecidos no site <<https://melaninadigital.com/dramaturgos/>>.

Ainda na Bahia, desde o início de 2019, em sua sede na cidade de Salvador e numa perspectiva de intercâmbio com grupos de teatro baianos, a Outra Companhia de Teatro vem promovendo o “Ciclo de Leituras Dramáticas”, divulgando peças como *A bofetada*, sucesso da Cia. Baiana de Patifaria há 25 anos; *Stopem, stopem*, compilado de textos de João Augusto, fundador da Companhia Teatro dos Novos; e *Cabaré da rrrraça*, de Márcio Meirelles, espetáculo de maior longevidade do Bando de Teatro Olodum. A ação finaliza o projeto “ENXERGUE! Sonhos, Memórias e Declarações”, selecionado em 2016 pelo Edital de Apoio a Grupos e Coletivos Culturais do Fundo de Cultura do Estado da Bahia. Já nos anos de 2008, 2009 e 2018, ainda em Salvador, foi a vez do grupo Teatro NU realizar as primeiras edições do projeto “Diálogos Sobre Dramaturgia Contemporânea”, junto a criadores como Letizia Russo (Itália), Dario Facal (Espanha), Ramón Griffero (Chile) e Newton Moreno (Brasil).

Dando prioridade a debates e leituras dramatizadas das obras dos convidados, sempre com entrada franca ao público, na mais recente programação participaram os dramaturgos Racine Santos, Luciana Lyra e Bráulio Tavares, respectivamente oriundos do Rio de Grande do Norte, Pernambuco e Paraíba. O evento deu destaque às peças *A grande serpente*, *Fogo monturo* e *Quinze anos depois*, com projeto que contou com o apoio financeiro do Fundo de Cultura do Estado da Bahia. E, se pela Editora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), o dramaturgo soteropolitano Aldri Anuniação conseguiu publicar sua peça *Namíbia, Não!*, já em 2ª edição no ano de 2015, obra adaptada do texto com o qual ele venceu o Prêmio Jabuti de Literatura; um artista intenso como Daniel Arcades, do Grupo NATA – Núcleo Afrobrasileiro de Teatro de Alagoinhas, ainda espera viabilizar em livro uma das mais de 30 peças que já escreveu, muitas premiadas na cena de Salvador, como *Medeia negra*, *Oxum*, *Erê* e *Exu, a boca do Un universo*.

## As distâncias e o custo amazônico como empecilhos

Ao norte do país, o estado do Acre também pena para conseguir imprimir sua dramaturgia. E isso vem desde o tempo em que o seringueiro, ator, diretor e dramaturgo Matias (José Marques de Souza), do grupo De Olho na Coisa, surgido ainda na década de 1970, produzia peças de teatro na região, pois mesmo que o seu repertório já tenha virado estudo acadêmico, nenhuma das suas obras ainda foi impressa e publicizada por editoras. Ou seja, o Brasil ainda não conhece a produção textual acreana para a cena, mas isto não significa que não existam grupos atuais que se dediquem a produzir dramaturgia autoral<sup>4</sup>. Só que estas criações ainda não chegaram às páginas de livro.

A exceção fica por conta do dramaturgo e diretor Yuri Montezuma, da Cia. de Teatro Tanto de Lá Quanto de Cá, da capital Rio Branco, autor do livro *Dramaturgia de Yuri Montezuma, Seleção de textos para o teatro*, publicado em 2017 com incentivo do Edital de Pequenos Apoios da Fundação Municipal de Cultura de Rio Branco e que reúne seis peças escritas por ele, incluindo *No buraco*, cuja estreia aconteceu em 2018 e foi levada para festivais nas cidades de Cobija e Cochabamba, na Bolívia, junto à oficina “Dramaturgia Marginal”, que ele já desenvolve há muitos anos no Acre. Seu foco é o estudo da linguagem de pessoas que geralmente não têm voz na sociedade. No Amapá, é Romualdo Rodrigues Palhano quem vem levantando a bandeira da dramaturgia no estado, tanto que, como professor do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá, lançou o livro *Dramaturgia amapaense*, em 2015, fruto dos trabalhos do Grupo de Pesquisa em Artes Cênicas e do Núcleo Amazônico de Estudos das Artes Cênicas da UFPA, reunindo obras dos autores Amadeu Lobato, Celice Pereira, Daniel de Rocha, Geovanni Coelho, Jhou Santos, Paulo Gil, Sílvio Guedes e a dupla Solange e Adrian Simit Tenório.

No Pará, o dramaturgo Nazareno Tourinho ganhou edição luxuosa com suas 14 obras no livro

*Peças teatrais de Nazareno Tourinho*, organizado por Bene Martins, junto à Editora Cejup, no ano de 2014, e viabilizado financeiramente pelo apoio do deputado estadual Edmilson Rodrigues. *Nó de 4 pernas*, a criação mais conhecida; *O herói do seringal*, *Cabanagem*, *Pai Antônio* e *Quintino bom de briga defensor dos sem terra* são alguns dos títulos presentes. Em Manaus, *Outras dramaturgias*, publicação lançada em 2015 pelo selo independente Thysanura Edições de Rua, dá uma mostra da produção recente de quatro jovens autores, Danilo Reis (*Estreito corredor*), Francis Madson (*Obevandiva*), Jean Palladino (*Primeiro quarto*) e Denni Sales (*Dinossauro*), as duas últimas já encenadas por lá.

### Editais que viabilizam escritas

Do panorama da dramaturgia catarinense contemporânea, ainda que seja crescente o número de novos autores e textos inéditos encenados, poucas obras conseguem ganhar versão impressa e as que existem, quase sempre, são fruto de editais. André Felipe, dramaturgo de Florianópolis, por exemplo, recebeu duas vezes o Prêmio Rogério Sganzerla, da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina, pelos textos *Suéter laranja em dia de luto* e *Não sempre*, ambos já lançados. De Jaraguá do Sul, Paulo Zwolinski, após formação no Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná, teve o seu texto *Como se eu fosse o mundo* publicado pelo selo do projeto em 2010, algo que também aconteceu com o autor natural de Lages, mas hoje radicado em Curitiba, Andrew Knoll, das peças *Fátia de guerra* e *Devastidão*. Bem mais conhecido, Max Reinert, também a partir de sua formação no SESI Paraná, vem desenvolvendo experiências dramáticas que primam pela fragmentação da narrativa e algumas estão no livro *Primeiras obras*, lançado pelo selo Questão de Crítica em 2013.

Entre os coletivos teatrais, um dos mais instigantes de Florianópolis, nas linguagens do teatro de rua e da performance, é o ERRO Grupo, que lançou em 2014, *Poética do erro: dramaturgias*, com

nove textos de autoria de Pedro Bennaton e Luana Raiter, coletânea viabilizada pelo Prêmio Funarte Artes Cênicas na Rua 2012, com distribuição impressa gratuita e possível para download gratuito <<http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2014/10/29/poeticadoerro/>>. Já a companhia Dionisos Teatro, da cidade de Joinville, fundada em 1997, publicou o livro *Da cena ao texto – babaiaga, entardecer e migrantes – dramaturgia da Dionisos teatro*, viabilizado com recursos próprios no ano de 2008 e reunindo três peças já apresentadas. Ainda em Santa Catarina, vale destacar o *Caixa de pont[o] – Jornal Brasileiro de Teatro*, que além de entrevistas com artistas, divulgação de livros e artigos variados, traz sempre alguma dramaturgia inédita publicada, a exemplo de *Mel de baratas*, de Isadora Salazar e Luís Eduardo de Sousa (PA), e *O aquário de Hilda e o Führer*, de Fernando José Karl (SC). Todas as edições são impressas e distribuídas gratuitamente, mas também estão online no endereço <<https://caixadeponto.wixsite.com/site>>.

Bem mais acima no mapa brasileiro, na cidade do Natal, no Rio Grande do Norte, o livro *Década carmin*, como o título sugere, comemora os dez anos de existência do potiguar Grupo Carmin, que, segundo divulgação no seu site <<http://www.grupocarmin.com/>>, “trabalha Teatro, Memória e História através de documentos da vida”. O livro, lançado em 2017 pela editora Fortunella Casa Editrice, traz os textos de quatro peças já encenadas: *Pobres de marré* (de autoria de Henrique Fontes), *Jacy* (de Pablo Capistrano e Iracema Macedo), *Por que Paris?* (de Pablo Capistrano, James Edward Bailey e Henrique Fontes) e *A invenção do Nordeste* (de Pablo Capistrano e Henrique Fontes), além de fotos dos espetáculos e textos introdutórios dos membros do grupo abordando essa primeira década de trabalho juntos. Duas das montagens ganharam consagrada projeção nacional.

A Fortunella Casa Editrice possui ainda dois outros títulos voltados à dramaturgia de autores nordestinos, *Guerra, formigas e palhaços*, do poti-

guar César Ferrario, obra adulta que vem sendo apresentada pelo Grupo Estação de Teatro desde 2013; e *Aquilo que o meu olhar guardou para você*, do recifense Giordano Castro, devidamente registrada na capa como “uma peça do Grupo Magiluth”, uma das mais destacadas equipes do teatro pernambucano contemporâneo. Por sua vez, Racine Santos, o potiguar que mais ganhou montagens pelo país, também possui parte de suas criações já registradas em livro, como *Duas farsas nordestinas*, publicado pela Editora Trapiá em 2001 com as peças *A farsa do poder* e *Elvira do Ypiranga*; e a antologia *De sol, de pedras e punhais*, lançada em 2007 como tríade que reúne *A grande serpente*, *À luz da lua, os punhais* e *Quando o sol se parte em crimes*.

Como dramaturgo e jornalista, Paulo Jorge Dumaresq, carioca que com poucos meses de vida foi morar em Natal e possui mais de 25 anos de militância na literatura dramática, no ano de 2011 conseguiu lançar o livro *Repouso do Adônis – bocas que murmuram*, pela “Coleção Cultura Potiguar”, selo da Secretaria Extraordinária de Cultura do Rio Grande do Norte e Fundação José Augusto. Dedicado também a textos dramáticos, o selo editorial “Teatro Potiguar”, coordenado pelo jornalista Cefas Carvalho, da editora Nakong, publicou em 2008 a obra *Terra de Sant’Ana*, de autoria da dramaturga e atriz Cláudia Magalhães, peça já produzida pela Fundação José Augusto e levada a várias cidades do interior do estado.

E pela Casa de Zoé e BOBOX Produções, junto à Editora Escribas, da própria Natal, *Meu seridó*, elogiada peça de autoria do carioca Filipe Miguez, também ganhou edição impressa. A direção da montagem é do dramaturgo e ator César Ferrario. Vale salientar ainda o encenador e dramaturgo potiguar Junior Dalberto, autor de *O teatro mágico de Junior Dalberto*, obra dividida em duas coletâneas, uma de Textos Infantis, lançada em 2012, e outra de Textos Adultos, de 2015. Com cem exemplares de cada publicação, os livros foram distribuídos gratuitamente a escolas e universidades, graças

ao apoio financeiro da Lei de Incentivo Estadual Câmara Cascudo.

## Da dramaturgia também se faz história

Se levarmos em consideração que o estado de Sergipe é um dos poucos no Brasil que ainda não possui uma publicação, de caráter mais geral, voltada à historiografia do teatro (o mesmo que acontece, infelizmente, em Tocantis, Rondônia e Roraima), o fato de um escritor teatral conseguir publicar suas obras é um feito e tanto. O dramaturgo, ator e diretor sergipano Euler Lopes, em 2017, conseguiu isso com o livro *10 afetos*, que reúne dez textos dramáticos escritos entre 2010 e 2015, alguns premiados e outros ainda inéditos nos palcos. O projeto é uma realização do seu grupo de teatro “A Tua Lona”, com patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura de Sergipe e do Fundo de Desenvolvimento Cultural e Artístico.

Por outro lado, em maio de 2019, na abertura do 8º Festival Literário dos Campos Gerais (Flicampos), no estado do Paraná, foi o ator, dramaturgo e diretor teatral Edson Bueno quem fez o lançamento do livro *O meu delírio – textos e memórias de encenação*, que celebra 36 anos de sua carreira artística e agrega, além dos textos das peças *Um rato em família*, *New York por Will Eisner*, *Vermelho sangue amarelo surdo* e *Metamorphosis*, imagens dos espetáculos dirigidos pelo próprio artista curitibano. Este projeto contou com o Programa de Apoio e Incentivo à Cultura da Fundação Cultural e da Prefeitura Municipal de Curitiba. Inclusive, Edson Bueno foi o vencedor do Edital de Dramaturgia coordenado pelo Centro Cultural Teatro Guaíra, cujo resultado, lançado pelo selo “Biblioteca Paraná”, foi o livro *Comédia paranaense 2016 – Concurso de Dramaturgia do Teatro de Comédia do Paraná/5 Peças*.

Em se tratando do Mato Grosso do Sul, a dramaturga Cristina Mato Grosso conseguiu lan-

çar, em 2014, graças ao patrocínio do Fundo de Investimentos Culturais da Fundação de Cultura do Estado, coletânea de três livros que, além de fazer uma releitura do panorama da produção teatral sul-mato-grossense, abordando pioneiros das artes cênicas bem como o papel do teatro no contexto político, conta com algumas de suas obras teatrais autorais (estas no terceiro número): *As cores das pedras*, *Como pegar um pato*, *Ensopando um pombo* e *David*. Já no estado do Mato Grosso, foi Wanderson Lana, atual secretário de Cultura, Turismo, Lazer e Juventude da Prefeitura de Primavera do Leste, cidade do interior, quem se destacou por haver conseguido publicar o livro *Teatro*, no ano de 2011, com cinco peças teatrais de sua autoria voltadas ao público infantojuvenil. Responsável por mais de vinte textos já montados, Wanderson Lana é diretor e dramaturgo da Cia. de Teatro Faces.

Voltando ao Nordeste, o diretor da “Pequena Companhia de Teatro”, o argentino naturalizado brasileiro, Marcelo Flecha, lançou no ano de 2010, na capital, São Luís, o livro *Cinco tempos em cinco textos*, reunindo sua dramaturgia de cunho experimental: *Distorções de um Dia interminável*, *Dois*, *Memórias de um mau-caráter*, *Privada* e *clausura*. A obra contou com patrocínio do Programa BNB de Cultura 2010. Em Fortaleza, Rafael Martins, paulistano criado na capital cearense, é autor de textos como *Lesados*, *O realejo*, *O livro* e *A mão na face*, reunidos na publicação *Lesados e outras peças*, de 2009, contemplada pelo Edital das Artes de 2006 da Fundação de Cultura, Esporte e Turismo de Fortaleza. A dramaturgia dele, muitas vezes, se desenvolve em trabalho conjunto com companhias teatrais, como o premiado Grupo Bagaceira de Teatro, do qual é um dos artistas fundadores, e o Grupo Expressões Humanas.

Em Pernambuco, entre as obras adultas de autores que mais recentemente ganharam formato em livro estão *Guerreiras*, de Luciana Lyra, viabilizada graças ao incentivo do Fundo de Cultura do Estado de Pernambuco (Funcultura) em 2010; *Damiana*, de Adriano Marcena, editada pela

CEL Editora na “Coleção Dramaturgia de Bolso”, que possui como volumes 2 e 3 as peças infantis *Estrepolias de Pedro Malasarte* e *A fuga das letrinhas*, de 2011; e *Ganga meu ganga – o rei*, de Albemar Araújo, com as despesas de editoração arcadas pelo SESC em 2012. Das obras infantojuvenis, *O menino da gaiola*, de Cleyton Cabral, é publicação tornada possível em 2017 graças ao Funcultura, mesmo ano em que saiu a “Coleção Teatro: Teatro Infantil”, pelo Editorial Jangada, da cidade de Olinda, financiada pelo próprio autor, o veterano Luiz Maranhão Filho, a reunir suas peças *Na corte do rei bolão*, *Na casa do vovô soneca* e *A prisão de Papai Noel*. Ele que já havia lançado, em 2016, os dois primeiros números da coleção no segmento adulto, um de Teatro Regional e outro de Teatro Político.

Mas é a Companhia Editora de Pernambuco (CEPE) quem mais tem investido na área, com a edição de *Don Juan-Don Giovanni*: peça em dez jornadas, obra póstuma do saudoso Marcus Accioly, comercializada desde 2018, além da divulgação da obra completa de outros dramaturgos pernambucanos importantes, a exemplo de *O teatro de Aristóteles Soares*, série de quatro volumes organizados pela pesquisadora Lúcia Machado; a coletânea *Teatro de Luiz Marinho*, organizada e classificada também em quatro números pelo pesquisador Anco Márcio Vieira Tenório; além de *Teatro de Joaquim Cardozo – obra completa*, que reúne seis textos dele escritos para teatro. Recentemente também foi preparada pela CEPE a coletânea “Dramaturgias – Volume 1”, com o resultado dos dois primeiros anos do Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia, lançado em 2015 pelo Governo do Estado de Pernambuco e já na sua quarta edição, com os autores vencedores André Filho, Alex Apolônio, Cleyton Cabral, Maria Oliveira, Alberto Amaral, Andala Quituche e Raphael Gustavo.

Dos coletivos atuantes no Recife e que mantêm alguma programação voltada à difusão de textos dramáticos, a Cia. Fiandeiros de Teatro realizou uma série de leituras dramatizadas seguidas de de-

bates, em 2013, como celebração aos seus 10 anos de atividades, integrando projeto financiado pelo Funcultura. Tudo aconteceu na Escola de Teatro Fiandeiros, com entrada franca ao público. Das obras programadas, só de autores pernambucanos, *Jeremias e as Caramiolas*, de Alexandro Souto Maior e *A minhoca de sete cabeças no reino de maravilha*, de João Denys, ambas voltadas às crianças e com esta última no segmento de bonecos; e as adultas *Senhora dos afogados*, de Nelson Rodrigues; *Engenho velho*, de Newton Moreno (que orientou oficina de dramaturgia); *Kaos*, de Fred Nascimento, e *Lunik*, de Luciana Lyra.

Em 2015, foi a vez de divulgar peças de Sófocles, Tchekhov e Shakespeare, e, no ano seguinte, vieram somente dramaturgias com foco na infância e juventude, *Antes de ir ao baile*, de Vladimir Capella; *Um conto de Marias ou de Maria Flor*, de Raphael Gustavo, e *O sonho de Ent*, de André Filho. Importante não esquecer ainda que, deste panorama incompleto por natureza e que mapeia lugares, projetos e tempos diferenciados, é preciso fazer referência à *Revista de Teatro SBAT* (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais). Mesmo que ela não esteja mais sendo editada (circulou entre 1924 e 2002 e voltou, por pouco tempo, em 2008, 2011 e 2012), é inegável que trouxe larga contribuição à difusão de obras e autores nacionais e certamente foi e continua sendo lida por muitas gerações.

Diante de tantos exemplos de vitalidade, é possível que toda esta cartografia-território (de caráter inacabado e provisório) dê a entender que a dramaturgia brasileira segue às mil maravilhas. Sim, se pensarmos na inventividade dos autores, nas ousadias de tema e forma, na diversidade das escritas para a cena, na maturidade de muitos, mas continua não sendo nada fácil publicar, ganhar a difusão da edição impressa e concretizar no palco tanta produção neste ofício eminentemente ins-

tável. Isso não significa que há uma diminuição de dramaturgos brasileiros, pelo contrário, pois os números de inscritos nos concursos provam que muitos ainda sonham em ser valorizados nacionalmente. Mas, como lembra Jean-Pierre Ryngaert, numa referência à prática francesa que nos cai bem como uma luva:

Ainda se distingue o ato de escrever para o palco do ato de escrever simplesmente, como se o autor dramático tivesse um estatuto diferente. A edição do texto teatral continua sendo um circuito especial, com divulgação irregular, apesar dos recentes progressos e dos esforços dos autores e de alguns editores. [...] Quanto à imprensa, ela se interessa pouco pela edição teatral e reserva as resenhas para os espetáculos. A situação para os autores de teatro é muitas vezes paradoxal, especialmente para aqueles que ainda não foram representados porque sua obra não é conhecida. Eles gostariam, é óbvio, que sua obra fosse divulgada através do circuito da edição, mas ela o é ainda menos por não terem sido representados. As relações complicadas entre o texto e o palco se fazem sentir também no domínio da edição. Será preciso lembrar que o teatro é uma prática social? (RYNGAERT, 1995, p. 24-25).

Se a passagem do texto ao palco corresponde mesmo a um salto radical, não faltarão aventureiros a embarcar em tamanha empreitada, se retroalimentando para potencializar a resistência que já é em si escrever para o teatro. Basta só aprimorarmos as condições para isso. Afinal, como visto aqui, muitos estão nessa tentativa de ampliar nossa dramaturgia brasileira, seja no mercado editorial especializado ou seguindo à margem dele, ainda que inúmeros obstáculos tenham que ser enfrentados para isso. Que este artigo possa servir, então, de fluxo a mais engajamentos possíveis. ☆

## Referências

- CAIXA de Pont[o] – Jornal Brasileiro de Teatro.** Disponível em: <<https://caixadeponto.wixsite.com/site>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- DRAMATURGOS.** Disponível em: <<https://melaninadigital.com/dramaturgos/>>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- EDIÇÕES CPMT.** Disponível em: <<http://galpaocinehorto.com.br/edicoes/>>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- EDIÇÕES do Núcleo de Dramaturgia Firjan SESI.** Disponível em: <<https://www.firjan.com.br/noticias/edicoes-do-nucleo-de-dramaturgia-firjan-sesi-1.htm?&IdEditoriaPrincipal=4028808B490FBD8001492F2DF6952872>>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- FARINA, Cynthia. **Arte e formação:** uma cartografia da experiência estética atual. In: 31ª Reunião Anual da ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação), Caxambu/MG, 2008. Disponível em: <<http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4014-Int.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2019.
- GRUPO Carmin.** Disponível em: <[www.grupocarmin.com](http://www.grupocarmin.com)>. Acesso em: 22 jun. 2019.
- LIVRARIA Imprensa Oficial.** Disponível em: <<https://livraria.imprensaoficial.com.br/catalogsearch/advanced/result/?name=apla+uso+teatro+brasil>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- MARTINS, Benedita Afonso; LIMAH, Fábio; CHARONE, Olinda Margaret (Org.). **Seminários de dramaturgia amazônica:** Memória. Belém: Editora Universitária AEDI da UFPA – EditAedi, 2017. Disponível em: <<http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/141>>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- NÚCLEO de Dramaturgia.** Disponível em: <<http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/autores-e-obras-1-9545-166585.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- POÉTICA do Erro.** Disponível em: <<http://www.errogrupo.com.br/v4/pt/2014/10/29/poeticadoerro/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- PRÊMIO Funarte de Dramaturgia/2018.** Disponível em: <<http://www.funarte.gov.br/edital/premio-funarte-dramaturgia-2018/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- RYNGAERT, Jean-Pierre. **Introdução à análise do teatro** (Coleção Leitura e Crítica). Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SEMINÁRIOS de Dramaturgia Amazônica: Memória. Editora Universitária AEDI, da Universidade Federal do Pará (UFPA), (2017)2017 (disponível em <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/141>).
- TEXTO: Dramaturgia Contemporânea.** Disponível em: <<http://centrocultural.sp.gov.br/site/teatro-dramaturgia-contemporanea/>>. Acesso em: 23 jun. 2019.

## Notas

- Cartografia como “um estudo das relações de forças que compõem um campo específico de experiências” (FARINA, 2008, p.9), não só no sentido do desejo de dramaturgos terem suas obras viabilizadas e conhecidas, mas também das instâncias de legitimação para isso, de editoras aos concursos, premiações e coletâneas realizadas por instituições públicas e privadas, principais instrumentos para a concretização do produto dramaturgia em livro.
- O Prêmio Funarte de Dramaturgia 2018, o mais recente realizado pela Fundação Nacional de Artes, disponibilizou para download gratuito no site da instituição federal (<http://www.funarte.gov.br/edital/premio-funarte-dramaturgia-2018/>) os textos dos dez autores contemplados com R\$ 20 mil cada, sendo cinco da categoria Teatro Adulto, dos municípios de Primavera do Leste (MT), Porto Velho (RO), Recife (PE), Curitiba (PR) e Rio de Janeiro (RJ); e na categoria Teatro Para a Infância e Juventude, dramaturgos de Viamão (RS), Brasília (DF), Porto Velho (RO), Salvador (BA) e São Paulo (SP).
- Com o objetivo de divulgar os autores que já integraram os projetos e as obras produzidas por eles, o Núcleo de Dramaturgia do SESI Paraná está com seus livros em formato digital (<http://www.sesipr.org.br/nucleodedramaturgia/autores-e-obras-1-9545-166585.shtml>), assim como o Núcleo de Dramaturgia Firjan SESI (RJ), [divulgou o resultado textual das suas duas primeiras turmas](https://www.firjan.com.br/noticias/edicoes-do-nucleo-de-dramaturgia-firjan-sesi-1.htm?&IdEditoriaPrincipal=4028808B490FBD8001492F2DF6952872) <<https://www.firjan.com.br/noticias/edicoes-do-nucleo-de-dramaturgia-firjan-sesi-1.htm?&IdEditoriaPrincipal=4028808B490FBD8001492F2DF6952872>>.
- A exemplo de equipes que pesquisam e trazem à cena mitologias de povos indígenas da região, como o Grupo de Teatro Vivarte, com *Kanarô*, texto de Edmilson Santini; e a Cia. Visse e Versa de Ação Cênica, com *Yunu Pãni* – obra baseada no livro *Una Isí Kayawa – Livro da cura do povo Huni Kuin*, do pagé Agostinho Yka Muru e do botânico Alexandre Quinet.